

## A paixão (re)lida à luz do Antigo Testamento

- **Breve Introdução** (o título da apresentação: a sua aparente normalidade; o que queremos dizer? Porque precisamos de o fazer... não existe qualquer narrativa de uma paixão/crucifixão no AT. Impõe-se uma clarificação sobre o que pretendemos dizer e porque o precisamos de o fazer...

### 1. O ‘direito’ de (re)ler a paixão de Jesus Cristo à luz das Escrituras Judaicas (AT)

- Não se trata de um recurso da exegese moderna. É algo que nos foi legado pelos autores bíblicos do NT, que o colocam como uma necessidade do próprio Senhor Jesus (Lc 24 Caminho Emaús - texto), ousando repetir insistentemente que tudo aconteceu para que “se cumprissem as Escrituras”. Eles foram os primeiros a oferecer-nos a primeira (re)leitura de Jesus e da sua paixão à luz do que se anunciara nas escrituras Judaicas.

Alguns exemplos:

<p><b>Zc 13,7</b> Levanta-te, espada, contra o meu pastor, e contra o homem que me está unido - oráculo do SENHOR do universo. <b>Fere o pastor, para que se dispersem as ovelhas</b>, e Eu estenderei a minha mão para os fracos.</p>	<p>Mc 14,<sup>27</sup> Jesus disse-lhes: «Todos ides abandonar-me, pois está escrito: <b>Ferirei o e as ovelhas não de dispersar-se.</b></p> <p>Mt 26, <sup>31</sup> Jesus disse-lhes, então: «Nesta mesma noite, todos ficareis perturbados por minha causa, porque está escrito: <b>Ferirei o pastor e as ovelhas do rebanho serão dispersas.</b> <sup>32</sup> Mas, depois da minha ressurreição, hei-de preceder-vos na Galileia.»</p>
--	--

<p><b>Sl 22,<sup>2</sup> Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste</b>, rejeitando o meu lamento, o meu grito de socorro?</p>	<p>Mc 15,<sup>34</sup> «<b>Eloi, Eloi, lemá sabachtáni?</b>», que quer dizer: <b>Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?</b></p> <p>Mt 27,<sup>46</sup> Cerca das três horas da tarde, Jesus clamou com voz forte: <b>Eli, Eli, lemá sabachtáni?</b> isto é: <b>Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?</b></p>
---	---

<p><sup>19</sup><i>Repartem entre si as minhas vestes e sorteiam a minha túnica.</i></p>	<p>Jo 19,<sup>24</sup>Então, os soldados disseram uns aos outros: «Não a rasguemos; tiremo-la à sorte, para ver a quem tocará.» Assim se cumpriu a Escritura, que diz: <b><i>Repartiram entre eles as minhas vestes e sobre a minha túnica lançaram sortes.</i></b> E foi isto o que fizeram os soldados. (Mc 15,24; Mt 27,35; Lc 23,34)</p>
--	--

At 1,<sup>15\*</sup>Por aqueles dias, Pedro levantou-se no meio dos irmãos - encontravam-se reunidas cerca de cento e vinte pessoas - e disse:

<sup>16</sup>«Irmãos, ***era necessário que se cumprisse o que o Espírito Santo anunciou na Escritura pela boca de David*** a respeito de Judas, que foi o guia dos que prenderam Jesus. <sup>17</sup>Ele, efetivamente, era um dos nossos e tinha recebido uma parte do nosso ministério. <sup>18</sup>Esse homem, depois de ter adquirido um terreno com o salário do seu crime, precipitou-se de cabeça para baixo, rebentou pelo meio, e todas as suas entranhas se espalharam. <sup>19</sup>O facto chegou ao conhecimento de todos os habitantes de Jerusalém, a tal ponto que esse terreno foi chamado na língua deles *Haqueldamá*, que quer dizer campo de sangue.

<sup>20\*</sup>**Está realmente escrito no Livro dos Salmos:**  
***'Fique deserta a sua habitação e não haja quem nela resida'. (Sl 69,26)***  
E ainda: ***'Receba outro o seu encargo.'*** (Sl 109,8)

<sup>21</sup>Portanto, de entre os homens que nos acompanharam durante todo o tempo em que o Senhor Jesus viveu no meio de nós, <sup>22\*</sup>a partir do batismo de João até ao dia em que nos foi arrebatado para o Alto, é indispensável que um deles se torne, connosco, testemunha da sua ressurreição.»

O que é esta releitura dos autores bíblicos do NT significa? Que nós, devemos também, como eles, tentar encontrar no NT uma chave para a compreensão do AT? Que esta leitura-chamada de leitura ‘Crística das Escrituras’ é algo requerido pelas próprias Escrituras judaicas e cristãs?

Uma noção importante a reter é a de que este “cumprimento das Escrituras” não suprime o tempo, apenas o faz entrar numa era nova; o “cumprimento das Escrituras” desenrola-se no tempo e este tempo é de Deus e o dos homens. Existe apenas um apenas **UM** tempo. Não se trata de uma simples passagem de um menos a um mais... é neste tempo de Deus e dos homens, numa história única de salvação que se expande e desenvolve a...

## 2. A ciência bíblica da Intertextualidade

« **Les textes bibliques parlent entre eux, à voix basse la plupart du temps ; il faut prêter l'oreille pour les entendre...** C'est à la musique des mots, aux inflexions de la voix qu'il faut se rendre attentif, si l'on veut comprendre. »  
(**R. MEYNET, *Mort et ressuscité selon les Écritures*, Bayard, Paris 2003**)

*Os textos bíblicos falam entre eles em voz baixa, a maior parte do tempo; é necessária uma escuta atenta para os entender... É à música das palavras, às inflexões da voz que é necessário dar atenção, se os queremos compreender.*

*(inflexões: mudança da direção ou da posição normal; desvio, determinada entonação ou acento na pronúncia de uma frase; tom)*

A verdade é que a escuta deste diálogo implica um saber “escutar” (ouvir e compreender). Isto é, conseguir estabelecer uma relação e uma aprendizagem demorada... das palavras e acontecimentos; um reparar no que se diz e no como se diz, reconhecendo que este diálogo específico envolve um nível histórico e teológico, que onde não se pode ignorar a sua proximidade e inter-relação.

Quando Paulo na 1Cor 15,3-4 afirma: *Transmiti-vos, em primeiro lugar, o que eu próprio recebi: Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras*, ele acentua que o Evangelho que ele prega é o mesmo anunciado pelos primeiros discípulos. Ele não introduz na sua pregação alguma novidade ou originalidade, **ele apenas transmite o que recebeu**. Só depois desta clarificação é que Paulo se refere ao conteúdo do Evangelho, nomeadamente, o que diz respeito à pessoa de Jesus.

De qualquer modo, a dupla repetição de Paulo – **segundo as Escrituras** – revela a sua compreensão de que os acontecimentos da morte e ressurreição de Jesus, âmago do Evangelho, realizam o que tinha sido enunciado pelas Escrituras. Segundo Paulo, **o cristianismo não emerge de um vazio, mas de uma continuidade de um percurso entre Deus e a humanidade, iniciado com o povo de Israel e transformado em palavras nas Escrituras (AT-NT)**. Paulo

assegura-nos a **convicção de uma continuidade** com os escritos que durante séculos foram recebidos e transmitidos pelo judaísmo.

Esta compreensão assume uma relevância determinante nos momentos, em que a **narrativa bíblica alude à animosidade sentida e vivida entre judeus e cristãos como algo predito nas Escrituras** (cf. Gl 4,21-31; Rm 9,25; At 1,10; 1Cor 9,9).

Na impossibilidade de tratar aqui o fenómeno da intertextualidade bíblica, na sua amplitude e complexidade, deixo apenas esta nota:

O testemunho escrito dos primeiros cristãos modelou-se a partir das Escrituras judaicas, numa liberdade e novidade inaudita, estabelecendo e afirmando: a continuidade, a realização da promessa, mas também a diferença e a rutura – É necessário conjugar estes três modelos; deixar a si mesmo, cada um dos seus derivados teológicos.

Se é verdade que o NT se apoia no AT para desenvolver a prova da sua argumentação («Está escrito / segundo as Escrituras»), entenda-se **que o que se diz no NT não está apenas de acordo com o que se diz no AT. O NT realiza-o, mas também lhe oferece um mais de uma interpretação cristológica, que oferece à história da Salvação uma intensa unidade.**

Jesus Cristo e os acontecimentos que lhe dizem respeito fazem aparecer nas Escrituras, à maneira de um revelador para a fotografia, **uma plenitude de sentido que em mais nenhum lugar poderia ser percebido.**

Tudo isto, compromete-nos a (re)ler a paixão à luz do Antigo Testamento, como o meio de excelência de entender como o plano de Deus se realiza progressivamente na história de salvação... e como Jesus Cristo lhe oferece a plenitude de sentido.

### **3. Proposta de escuta de um diálogo entre a narrativa bíblica da “paixão de Job” e “a paixão de Jesus Cristo”.**

A minha proposta de (re)leitura focaliza-se na de escuta de duas narrativas: a da paixão de Job e da paixão de Jesus Cristo. Não para as igualar, mas, para que possamos entender como o desígnio de Deus se realiza progressivamente na história da salvação e de como a paixão de Jesus Cristo oferece um sentido, que ainda não existe na paixão de Job.

Na sua aparência, não é difícil captar a continuidade entre Job e Jesus Cristo. Ambos são dois seres humanos justos e íntegros na sua humanidade e na sua relação com Deus. O sofrimento que recai sobre ambos apresenta-se como profundamente intolerável, incompreensível e até mesmo inaceitável. E neste sentido, ambos são voz de todos os seres humanos justos e íntegros, sobre os quais recaem sofrimentos dolorosos inexplicáveis.

É, portanto, necessária uma escuta atenta da narrativa bíblica para que possamos desvendar a progressividade e a plenitude de sentido, da realidade de um justo sofredor, que se inicia com Job e se plenifica em Jesus Cristo.

(cf. anexo)

#### **a. JOB**

(Jb 3) O autor não refere quem é/são os destinatários das palavras de Job. O autor bíblico diz-nos de um modo incisivo que Job ‘abriu a boca’ (expressão sapiencial...) e amaldiçoou o dia do seu nascimento. A força desta expressão não deixa qualquer dúvida sobre a dimensão do sofrimento que o trespassa por inteiro. O texto prossegue com uma série de merismas: dia e noite, luz e trevas para indicar a totalidade do desejo e do não sentido que atravessa Job.

Surpreendentemente, as palavras de Job parecem levá-lo para além da sua situação, alargando a questão do sentido ou do não sentido de existência de todo o ser humano em sofrimento (3,20); o homem (*geber*) a quem o caminho é barrado e a quem Deus parece cercar por todos os lados (3,23).

O tom das palavras de Job assume a configuração de um grito que na continuidade da narrativa bíblica pode assumir-se como dirigido a Deus e todo o ser humano. A antecederem-no palavras de uma absoluta confiança em Deus («Saí nu do ventre da minha mãe e nu voltarei para lá. O Senhor mo deu, o Senhor mo tirou; bendito seja o nome do Senhor!» 1,21); uma confiança que enerva a sua própria esposa que lhe diz «Persistes ainda na tua integridade? Cessa de bendizer a Deus e morre de uma vez!» (2,9). Mas Job, não desiste e a sua resposta é lancinante «Falas como uma insensata. Se recebemos os bens da mão de Deus, não aceitaremos também os males?» (2,10).

O contraste que a narrativa parece estabelecer entre estas palavras que abrem os dois primeiros capítulos do livro e as palavras que Job derrama a partir do capítulo 3 pode assumir-se como duas formas de manifestar aquilo que Job representa ao longo de toda a narrativa: um homem sofredor que, soube atravessar diferentes momentos de fortaleza e de fragilidade, sem nunca desistir de Deus. Na verdade, o autor bíblico tem o cuidado de dizer que Job amaldiçoa o dia do seu nascimento e não Deus. Job questiona o agir de Deus até ao limite, bebe o cálice do silêncio do seu amargo silêncio, porém é para Deus que ele olha: “É para Deus que correm as lágrimas dos meus olhos” (Jb 16,20). Não é para os amigos, com quem tenta um diálogo, nem para o vazio da sua existência, mas sim para Deus, sempre Deus que Job chora. As lágrimas, a linguagem suprema do dizer que vai para além das palavras.

## **b. JESUS**

- **Num primeiro momento**, a narrativa bíblica detém-se na angústia que atravessa Jesus Cristo:

Mt 26,<sup>37</sup>E, levando consigo **Pedro e os dois filhos de Zebedeu**, começou a entristecer-se e a angustiar-se. <sup>38</sup>Disse-lhes, então: «A minha alma está numa tristeza de **morte**; ficai aqui e vigiai comigo.»

Mc 14, <sup>33</sup>Tomando consigo **Pedro, Tiago e João**, começou a sentir pavor e a angustiar-se. <sup>34</sup>E disse-lhes: «A minha alma está numa tristeza **mortal**

Lc 22,<sup>44</sup>Cheio de angústia, pôs-se a orar mais instantaneamente, e o suor tornou-se-lhe como grossas gotas de sangue, que caíam na terra.

Jo 18,<sup>1</sup> **Tendo dito** estas coisas, **Jesus** saiu com os discípulos para o outro lado da torrente do Cédron, onde havia um horto, e ali entrou com os seus discípulos.

Tal como Job, Jesus não está só. Ambos experimentam a mais profunda angústia diante dos seus ‘amigos’ (os amigos de Job e os discípulos de Jesus). Trata-se de uma angústia testemunhada. Contudo, uma forma estranha de estar presente: os amigos de Job começam por um grande silêncio e terminam num desfiar de argumentos onde só importa salvar a boa reputação de Deus; os amigos de Jesus adormecem, evocando aquilo que o sono traduz – a total ausência da realidade. Não conseguem acompanhar Jesus na sua angústia profunda: têm os olhos pesados (Mt 26,43), não sabem o que responder-lhe (Mc 14,40), dormiam devido à tristeza (Lc 23,45), estão simplesmente lá (Jo 18,1).

**Num segundo momento**, a narrativa bíblica avança para o derradeiro grito de Jesus:

Mt 27,<sup>46</sup> **Jesus clamou com voz forte**: Eli, Eli, lemá sabactháni? isto é: Meu Deus, meu Deus, **porque me abandonaste?...** <sup>50</sup>**E Jesus, clamando outra vez com voz forte, expirou.**

Mc 15,<sup>34</sup> Jesus **exclamou em alta voz**: «Eloí, Eloí, lemá sabachtáni?», que quer dizer: Meu Deus, meu Deus, **porque me abandonaste?...** <sup>37</sup>**Mas Jesus, com um grito forte, expirou.**

Lc 23, 46 **Dando um forte grito, Jesus exclamou: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.»** Dito isto, expirou.

**Jo 19,30 Jesus disse: «Tudo está consumado.»** E, inclinando a cabeça, entregou o espírito.

A linguagem é bem explícita, nas expressões ‘clamar com voz forte’; ‘clamar em alta voz’, ‘dando um forte grito’... não deixando qualquer dúvida ao leitor do sofrimento total que Jesus experimenta.

É no âmago deste sofrimento que emerge a expressão Eli ou Eloí (‘Meu Deus’), evidenciando que, no auge do seu sofrimento, Jesus vira-se para Deus. Tal como Job, também Jesus reclama também a presença de Deus. Porém, embora neste momento não exista literariamente o suporte da unanimidade das outras narrativas, que anteciparam o diálogo de Jesus com o Pai, a narrativa lucana é incapaz de conceber este último grito sem o selo da esperança e oferece-nos a expressão da entrega nas mãos do Pai...

Tal como Job, Jesus experimenta a presença na mais profunda ausência de Deus. O aparente silêncio de Deus perante o sofrimento do ser humano e de toda a humanidade fica bem expresso no maior ato de amor daquele que acredita até ao fim, mesmo sem ver...

**Onde está então a diferença entre a paixão de Job e a paixão de Jesus? Em que medida a paixão de Job recebe um sentido quando é relida à luz da paixão de Jesus e como é que a paixão de Jesus oferece um sentido pleno à vida do ser humano sofredor?**

*I. Job – figura / motivo para as perguntas do ser humano sofredor (inocente)*

**Job é o ser humano que sofre e que procura desesperadamente as razões e o sentido do seu sofrimento. Ele é figura/voz de cada um de nós que é atingido pela dor física ou mental; ele é cada um de nós que se interroga**



**profunda e dolorosamente perante a miséria da fome ou a violência das nossas guerras ou barbáries.**

Job é alguém que acredita num Deus bom e compassivo e **é a partir do mais íntimo desta sua fé que ele coloca a questão do seu sofrimento.** É frequente darmos conta de estar a usar ou a escutar a mesma linguagem de Job ou dos seus amigos. Na verdade, a fé autêntica não anestesia, pelo contrário torna o debate, a interrogação e a procura mais obstinada, inflexível e incompaciente. A fé autêntica é incapaz de se satisfazer com uma resposta ou um sentido qualquer, apressado ou indiferente. Existe nela algo que marca e determina a sua procura: o seu interlocutor. Tal como Job, os crentes de todos os tempos dirigem-se a Deus, não a uma espécie de vazio enigmático.

Profundamente solidários com Job, todos nós **passamos a vida inteira a aprender que a resposta à questão do sentido da vida, desde o início moldada pelo barro da alegria e da dor, está na capacidade de nunca desesperar, mas sim esperar e, principalmente esperar sempre em Deus.**

*a. Jesus Cristo é o próprio Deus que assume o sofrimento até ao limite*

Não se trata de um simples exemplo e de um debate... Jesus Cristo é Deus ali em ato da mais profunda humanidade e divindade... Um Deus que é Deus – e que manifesta a sua divindade, tocando o mais profundo da nossa humanidade.

Ao perceber que chegara ‘*a hora de passar deste mundo para o Pai*’, Jesus que vivera toda a sua vida num amor profundo não recua perante o sofrimento de uma morte e de uma morte de cruz. Assume o sofrimento como assumira cada momento da sua vida, transbordando uma profunda humanidade e amor, ímpar, até ao fim, e até ao limite.

Face-a-face com a humanidade de Job, Deus fala no meio da tempestade, mas não como um filósofo do sofrimento. Faz passar diante de Job a sua intervenção e poder únicos na criação, confrontando Job com os limites do seu conhecimento e

do seu poder. Não fala de sofrimento, mas apenas da sua realidade divina como uma realidade criadora, para dizer que Deus quer e sonha apenas com a vida.<sup>1</sup> Job intervém para reconhecer o seu falar como leviano, e no fim para se entregar num ato de profundo abandono a Deus (*E Job respondeu ao Senhor, dizendo: 'Falei levianamente. Que poderei responder-te? Ponho a minha mão sobre a boca; falei uma vez, oxalá não tivesse falado; não vou falar duas vezes, nem acrescentarei mais nada.'* (Jb 40,3-5); *Job respondeu ao Senhor e disse: 'Sei que podes tudo e que nada te é impossível. Quem é que obscurece assim o desígnio divino, com palavras sem sentido. De facto, eu falei de coisas que não entendia, de maravilhas que superavam o meu saber. Eu dizia: 'Escuta-me, deixa-me falar! Vou interrogar-te e Tu me responderás.'* Os meus ouvidos tinham ouvido falar de ti, mas agora vêem-te os meus próprios olhos. Por isso, retrato-me e faço penitência, cobrindo-me de pó e de cinza.' (Jb 42,1-6).

As palavras de Job deixam entrever a fé autêntica, ainda que assaltada por momentos conturbados. A única resposta de Deus a Job é a de uma abertura ao mistério do amor, do qual Job nunca duvidou. A transformação de Job dá-se não pelo que Deus lhe diz, mas pela presença transformadora de Deus. Esta é a lógica do dom, não da troca. A distância de Deus mantém-se, não foi anulada, e Job percebe que, apesar de um sofrimento injusto e imerecido, uma imensa intimidade abraça a sua vida. Vê-o no reconhecimento das suas palavras sem sentido. Vê-o no mistério do encontro, onde o debate dá lugar à escuta. O Deus distante afinal estava tão perto.

---

<sup>1</sup> Cf. N.F. SCHMIDT, "The Rhetoric of the Theophany of Job", *Old Testament Essays* 16/1 (2003) 79-95;

Ao assumir fazer história com o ser humano, Deus aceita conviver com as imperfeições de um mundo que conhece a ‘dor de parto’, desde o primeiro momento da sua existência terrena. E se é verdade que em Jesus, Deus realiza milagres. Também é um facto que Jesus não multiplicou pães sempre que viu gente com fome; não curou todos os doentes do seu tempo nem trouxe à vida todos os defuntos de Betânia; não transformou gestos extraordinários em experiências ordinárias, deixou apenas sinais para suscitar a fé; e entre eles o grande sinal que é Jesus Cristo.

A metáfora do encontro e da resposta espantosamente elaborada pelos sábios de Israel (Job) e integrada num contexto de Revelação e de palavra de Deus realiza-se de uma forma plena na pessoa de Jesus Cristo. Jesus é o lugar por excelência do encontro e da resposta, o lugar por excelência de Deus face-a-face com a nossa humanidade (cf. 1Jo 1,1-4).<sup>2</sup> Em Jesus Cristo, Deus é não só um Deus inocente submetido à prova, oferecendo uma resposta excelente a Job. Em Jesus Cristo, Deus é sobretudo salvação para todos os inocentes e não inocentes que se abrem ao seu amor salvífico: *‘Nos dias da sua vida terrena, apresentou orações e súplicas àquele que o podia salvar da morte, com grande clamor e lágrimas, e foi atendido por causa da sua piedade. Apesar de ser Filho de Deus, aprendeu a obediência por aquilo que sofreu e, tornado perfeito, tornou-se para todos os que lhe obedecem fonte de salvação eterna.’* (Heb 5,7).

Na pessoa de Jesus Cristo, Deus convive com os limites de um mundo criado por ele. Perante a cruz de Jesus e a cruz dos milhares de seres humanos que sofrem, Deus continua em silêncio e não intervém drasticamente para mudar o curso dos

---

<sup>2</sup> A este propósito Cf. Michel Quesnel, *Jésus, l’homme et le fils de Dieu* (Flammarion; Paris 2004).

acontecimentos. Talvez, por isso, D. Bonhoeffer afirme: ‘A religiosidade humana tem remetido o ser humano em sofrimento para o poder de Deus no mundo... porém a Escritura remete o ser humano para a debilidade e o sofrimento de Deus. Só um Deus que sofre nos pode ajudar’.<sup>3</sup>

A cruz de Jesus Cristo leva-nos reapreciar o sofrimento, também, como um dom e como amor. Elie Wiesel, no seu romance ‘*La nuit*’ fala de uma experiência num campo de concentração onde havia três pessoas para serem enforcadas, dois adultos e uma criança.<sup>4</sup> Os adultos expiraram de imediato, mas a agonia da criança demorou algum tempo. Os outros prisioneiros, obrigados a assistir, perante a agonia da criança disseram: ‘Onde está Deus agora? No fundo do seu coração E. Wiesel ouviu uma voz que dizia: ‘Onde está Deus agora? Está ali, naquela cruz’. Nesta voz E. Wiesel percebe que Deus não é um mero espectador das tragédias ou do sofrimento humano, mas um participante; não é um simples observador da dor, mas um companheiro do caminho.<sup>5</sup>

Para nós, na pessoa de Jesus Cristo, Deus não responde direta ou verbalmente à pergunta sobre o porquê do sofrimento colocada por Job. Deus está presente no sofrimento e, de modos diferentes e misteriosos, ajuda a enfrentá-lo. A todos os que sofrem, Deus não oferece o silêncio de uma intervenção fracassada, de um milagre ludibriado ou de uma oração não ouvida, mas a paixão e o amor de Jesus Cristo ‘até ao limite’, a proximidade incompreensível da cruz, o mistério da ressurreição carregado de esperança.<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> D. BONHOEFFER, *Resistencia y sumisión : cartas y apuntes desde el cautiverio* (Sígueme; Salamanca 2004) 123.

<sup>4</sup> Cf. E. WISEL, *La nuit* (Les Éditions de Minuit; Paris 1958).

<sup>5</sup> Cf. J.-N. ALETTI, *Voltar a falar de Jesus Cristo* (Lisboa 1999) 45-72.

<sup>6</sup> Cf. H. RICO, “A Paixão: Nem Cristo sem cruz, nem cruz sem Cristo” (Editorial), *Brotéria* 158/3 (2004).

.....

As próprias etapas do calvário ilustram as necessidades, os estados de alma e as atitudes de Jesus Cristo experimentadas pelo ser humano de todos os tempos. A necessidade de ter alguém próximo (*Tomou Pedro, Tiago e João... e disse-lhes: Ficai aqui e vigiai* Mc 14,33-34). Na hora mais difícil, Jesus tem necessidade de alguém próximo que possa velar com ele. Escolhe três dos seus amigos, os que tinham participado na experiência jubilosa do Tabor. O seu apelo mostra a sua humanidade e como é imenso o seu medo da solidão. Os amigos, porém, adormecem, evadem-se, não se comprometem, não sabem o que dizer ou fazer. Jesus perturba-se (*Começou a ter medo e angústia... A minha alma está numa tristeza de morte* (Mc 14,33-34). Em Jesus Cristo, Deus não se envergonha da sua humanidade. Não julga nem reprime os seus sentimentos, mas aceita-os como componentes do percurso humano que deve fazer. Vive na primeira pessoa o medo e a angústia, e tomado, de novo pela perturbação e grita (*Meu Deus porque me abandonaste?*) (Mc 15,34). No horto Jesus reza (*Prostrou-se por terra e pediu que, se fosse possível, aquela hora se afastasse dele...*) (Mc 14,35), colocando diante de Deus-Pai a sua fragilidade humana, revelando de um modo surpreendente e inaudito Deus face-a-face com a humanidade.

No centro da História da Salvação não está um altar com duas velas, mas Cristo entre dois ladrões, que enfrenta a morte mais ignominiosa: a morte de cruz. O Deus dos verdadeiros crentes é alguém vivo, real, que se entrega pela humanidade e se deixa encontrar no sofrimento e na cruz. Segundo P. Tillich ‘o Filho de Deus toma o nosso lugar – não porque seja preciso substituir-nos no sofrimento, mas para se envolver numa missão livremente assumida (cf. Jo 10,18).<sup>7</sup> Livre e

---

<sup>7</sup> Cf. P. TILlich, *Sistematic Theology* (The University of Chicago Press; Chicago 1957).

duplamente assumida, revela Deus no seu Dom à humanidade e assume a condição pecadora da humanidade, sofrendo das consequências que lhe são inerentes.

.....

Na sua singularidade, absolutamente única, Jesus Cristo deixou uma impressão intensa – tanto nos seguidores como nos adversários – de que se sentia íntimo de Deus ou mesmo Deus. E apesar do imenso ‘espanto’ perante toda a sua existência, ele veio a ser – na vida, na morte – a esperança, última, de todos os Jobs que sofrem e são atormentados pelo mal. Sem ele, a humanidade não saberia para quem voltar-se (Jo 6,68). No seu amor até ao fim e até ao limite, Jesus Cristo e Cristo crucificado é a certeza da resposta de Deus a todas as nossas interrogações angústias e sofrimentos.

Não é só para criar, é sobretudo para deixar crescer e salvar que Deus abdica da sua plenitude. Deus serve-se da sua absoluta onipotência (Jesus Cristo) para se assumir como não-onipotente no mundo das suas criaturas’.<sup>8</sup>

Podemos, por isso dizer, que se o sofrimento/paixão do Job é essencialmente um mão cheia de perguntas; em Jesus Cristo o sofrimento/paixão é a afirmação do amor pleno, desmedido e até ao fim: o único amor que salva.

É na verdade “grande este mistério” (Ef 5,32)

---

<sup>8</sup> D. BONHOEFFER, *The Collected Sermons of D. Bonhoeffer* (Fortress Press, Minneapolis, MN 2012) 236.